

Fraudes são mais modestas no Brasil

ECONOMIA - BRASIL

Segundo KPMG, casos tradicionais envolvem pessoas do médio escalão e visam burlar o fisco

Simone Azevedo
de São Paulo

Lançamentos de despesas fictícias lastreadas em notas frias para redução dos lucros tributáveis e sonegação fiscal. Segundo Werner Scharrer, executivo da área de investigação da KPMG, essa é a fraude contábil mais comum no Brasil. "Nunca acompanhei um caso de manobras na contabilidade parecido com os que ocorrem nas empresas norte-americanas", diz.

Segundo Scharrer, as fraudes de balanços no Brasil são mais frequentes entre empresas médias, com faturamento de R\$ 50 milhões a R\$ 200 milhões. Diferentemente do que se vê nos Estados Unidos, seus agentes costumam pertencer a níveis gerenciais. "Nunca investiguei uma fraude organizada pelos principais executivos da empresa", conta.

O maior número de fraudes ocorre na indústria. Nesse segmento, segundo Scharrer, são comuns os casos de manipulação de estoque, nos quais executivos de médio escalão superavaliavam o valor desses ativos no balanço para camuflar a apropriação indevida de parte do estoque. "Investigamos um caso em que dois funcionários acumularam R\$ 5 milhões vendendo matérias-primas da companhia", conta. O esquema durou pouco mais de um ano, até que as investigações comesçassem. "Identificamos os fraudadores e eles próprios revelaram o esquema no interrogatório." O caso ocorreu na filial nordestina de uma subsidiária de empresa multinacional.

Outro crime comum, segundo Scharrer, é a manipulação dos números do contas a pagar. Funcionários antigos que contam com ex-

cessiva confiança de seus superiores costumam ser os autores de fraudes como essas. "Tive um caso em que, aos poucos, um funcionário acumulou R\$ 500 mil, pediu demissão e abriu seu próprio negócio a partir de pequenos roubos no registro do contas a pagar", conta. Nesses casos, o fraudador inflaciona os compromissos da empresa e fica com o dinheiro que não atinge o objetivo anunciado.

Manobras para inflar resultados também ocorrem, embora em proporções bem inferiores às observadas no mercado norte-americano. Bem menos preocupadas em atender às expectativas de lucros dos investidores, empresas abrem mão do conservadorismo e adiam provisões que reduziriam os lucros para agradar fornecedores de crédito. Outra manobra utilizada para inflar lucros, segundo Scharrer, é o

registro indevido de despesas como investimento, a exemplo do que ocorreu na WorldCom.

Pesquisa realizada pela KPMG em 2000 apontava o registro de notas frias na linha de despesas, a falsificação de cheques ou documento e o roubo de ativos como os tipos de crimes mais comuns entre as empresas brasileiras. Para 55% dos entrevistados, os funcionários da companhia representavam a maior ameaça de fraudes e, para 85%, os valores envolvidos não passavam de R\$ 1 milhão.